

A VISÃO DE SWAMI VIVEKANANDA SOBRE VEDANTA

Swami Tyagananda

A visão de Swami Vivekananda a respeito da Vedanta é o seu permanente legado para o pensamento espiritual contemporâneo. Quando o seu trabalho na América necessitou de uma estrutura organizacional, ele optou por denominá-la como Sociedade Vedanta. Temos uma ideia do que é uma “Sociedade”, mas precisamos nos indagar que espécie de “Vedanta” o Swami tinha em mente quando utilizou essa palavra, em conexão com o seu trabalho no mundo ocidental.

Isso vai nos auxiliar a compreender o papel dos Centros de Vedanta neste país (USA). Também vai esclarecer as dúvidas e questionamentos que muitos estudantes de Vedanta têm a respeito de suas auto-identidades. O que significa afirmar que “sou um estudante de Vedanta”? Isso quer dizer que sou hindu? Posso ser vedantista sem ser hindu? Posso ser hindu sem ser vedantista? Essas questões necessitam de esclarecimentos. A visão de Swami Vivekananda, a esse respeito, pode nos ajudar a encontrar as respostas.

Para começar, devemos reconhecer que a palavra Vedanta tem muitas conotações. A palavra pode ter diferentes significados para as pessoas. Pode-se dizer que a palavra Vedanta é geralmente utilizada em três diferentes sentidos.

A PALAVRA VEDANTA COMO IDÊNTICA À PALAVRA HINDUÍSMO

Como uma filosofia que orienta o sentido de vida no subcontinente indiano, a melhor expressão da Vedanta é encontrada no conjunto de livros denominados Upanishads, que são uma parte dos Vedas, a principal escritura dos hindus. Os Upanishads encontram-se no final (anta) dos Vedas e, desta forma, são considerados a essência dos Vedas; outro nome para os Upanishads é Vedanta (Veda + anta).

Entretanto, nem os Vedas e nem os Upanishads são “livros”. Como foi explicado por Swami Vivekananda: “Por Vedas não se quer dizer qualquer livro. Eles significam o tesouro acumulado de leis espirituais descobertas por diferentes pessoas em diferentes épocas”. A sabedoria védica foi transmitida oralmente de geração em geração, muito antes de ser colocada de forma escrita. Etimologicamente, a palavra Upanishad significa o conhecimento que alivia a carga do sofrimento existencial, destroi as sementes da existência mundana e conduz ao Ser Supremo. Portanto, Upanishads e Vedanta são livros somente em um sentido secundário.

Sabe-se que a palavra “hindu” não é encontrada em nenhuma escritura clássica do Hinduísmo. Os antepassados dos atuais hindus não se denominavam assim. A palavra “hindu” teve a sua origem com os persas.

Eles utilizavam a palavra hindu para denominar as pessoas que viviam no outro lado do rio Sindhu. Os persas pronunciavam a letra “s” com o som de “h”, assim, as pessoas que viviam na outra margem do rio Sindhu passaram a ser chamadas por eles de hindus. Quando os britânicos colonizaram este território, a letra “h” desapareceu, e o rio Sindhu passou a ser chamado por eles de “Indus”, e as pessoas que ali viviam passaram a ser chamadas de “indianas”. Quando os eruditos ocidentais e os missionários cristãos entraram em cena, eles deram o nome Hinduísmo ao modo de vida praticado pela maioria dos indianos. Swami Vivekananda disse que o nome mais preciso para esta fé seria Vaidika Dharma, e o nome que definiria as pessoas seria Vaidika ou, mais precisamente, vedantistas.

As diferentes tradições religiosas e filosóficas que se desenvolveram dentro do Hinduísmo, tinham e têm alguns fundamentos em comum, e o primeiro e mais importante, é o seu compromisso de fidelidade aos Vedas. Se uma tradição não aceita a autoridade dos Vedas, não é considerada como uma tradição “hindu”. É por isso que, no contexto indiano, Hinduísmo e Vedanta são sinônimos. Estas duas palavras se referem a uma e mesma tradição de fé, embora deva ser admitido que os indianos, que em sua maioria praticam a religião dos Vedas, identificam-se quase sempre como hindus e não como vedantistas. A razão para isso é simples. Na literatura e no discurso contemporâneo, tanto a palavra “hindu” quanto a palavra “Hinduísmo” são usadas com mais frequência que a palavra “Vedanta”. Essas palavras, portanto, se tornaram parte do vocabulário comum e popular.

VEDANTA COMO PARTE DO HINDUÍSMO

Se examinarmos a origem da palavra “Hinduísmo”, e se for ignorado o verdadeiro significado da palavra “Vedanta”, torna-se fácil classificar e, portanto, limitar a Vedanta como sendo apenas uma das várias escolas ou seitas dentro do Hinduísmo. Assim não é incomum dizer, por exemplo, tradição Vaishnava, tradição Shaiva, tradição Shakta, tradição Tantrika, e por extensão, tradição Vedanta. Se a classificação é baseada no objeto de adoração, os Vaishnavas podem ser definidos como sendo aqueles que adoram Vishnu/Narayana ou, mais popularmente, Rama ou Krishna. Shaivas são aqueles que têm Shiva como divindade principal. Nas tradições Shakta ou Tantrika, a posição central é ocupada pelas deusas Kali ou Durga. Seguindo a mesma linha de pensamento, a tradição Vedanta é definida como aquela que tem como seu ideal o impessoal Ser Supremo, denominado Paramatman ou Brahman.

Embora os Vedas continuem sendo a escritura fundamental para todas essas tradições, cada tradição tem também o seu próprio conjunto de livros sagrados. A literatura dos Vaishnavas inclui o Bhagavata, o Vishnu Purana, bem como os grandes épicos como o Ramayana e o Mahabharata. Os Shaivas têm o seu Ágamas e os Shaktas tem o Devi Bhagavata e o Chandi. Os que praticam Tantra têm sua própria e vasta literatura. Vedanta é associada com os Upanishads. Observe que, nesse estágio, a ideia da palavra “Vedanta”, como sinônimo associado aos “Upanishads” é

descartada. Vedanta é considerada como uma das muitas vertentes do Hinduísmo, tendo os Upanishads como base de sua fé. Algumas vezes Vedanta é denominada como filosofia dos Upanishads.

Na tradicional enumeração das “filosofias ortodoxas” (astika darsana), Vedanta é listada como uma das seis filosofias. O que torna “ortodoxas” essas escolas filosóficas? É o fato de que todas elas aceitam a supremacia dos Vedas. Pelo menos em teoria, cada uma dessas escolas expõe aquilo que compreende como sendo a essência dos Vedas. Assim, etimologicamente, cada uma dessas filosofias é Vedanta. Quatro dessas escolas ortodoxas – Samkhya e Yoga, Nyaya e Vaisesika – desenvolveram seus próprios modos de ver a Realidade, com mínima referência aos Vedas, e as outras duas – Purvamimansa e Uttaramimansa – basearam seus trabalhos em revelações védicas.

Purvamimansa, principalmente, trabalha com a porção ritualística (karmakanda) dos Vedas e relega a parte do conhecimento (jnanakanda) a um plano secundário, enquanto a Uttaramimansa faz justamente o oposto. Claramente elas divergem sobre onde se encontra a essência dos Vedas. Mas, tradicionalmente, o nome Vedanta tem sido associado somente com a escola Uttaramimansa. Isso aconteceu porque, ao contrário das outras escolas, esta escola extrai suas conclusões dos Upanishads que, como vimos, é usado como sinônimo de “Vedanta”.

Alterações adicionais podem ser observadas quando Vedanta se torna apenas uma parte da tradição hindu. Por vezes, Vedanta é considerada uma escola filosófica que pratica o não dualismo, que contrasta com o dualismo praticado pelas tradições devocionais. Nas tradições dualistas podem ser encontrados alguns conceitos não dualistas, mas, as mesmas têm a tendência de afirmar que o seu não dualismo difere daquele que é praticado pela Vedanta.

Portanto, o significado de Vedanta passa por duas limitações: primeiro, por ser uma alternativa para a palavra “Hinduísmo” e, sendo sinônimo do modo de vida que é ensinado e praticado desde os tempos védicos, torna-se uma das muitas maneiras pelas quais o Hinduísmo é compreendido e praticado. O segundo aspecto do significado de Vedanta surge quando Vedanta se torna identificada somente com a forma não dualista da Realidade.

Na maioria das vezes, quando a literatura contemporânea faz referência ao Hinduísmo, costuma entender a Vedanta mais como uma parte do que como um todo do pensamento hindu. Mesmo durante a vida de Sri Ramakrishna, é comum encontrar várias de suas práticas religiosas rotuladas como vaishnava sadhana, tantra sadhana, vedanta sadhana, além de sua sadhana cristã e sadhana Islâmica.

As palavras de Sri Ramakrishna, por vezes, refletem o popular, assim limitando o significado mais abrangente da palavra Vedanta. Vejamos este exemplo em suas conversações: “Há duas escolas de pensamento: da

Vedanta e dos Puranas. De acordo com a Vedanta, este mundo é uma estrutura de ilusão, ou seja, tudo é ilusório, tudo é como se fosse um sonho. Mas de acordo com os Puranas (livros de devoção), o próprio Deus se transformou nos vinte e quatro princípios cósmicos”.

Em uma conversa que Sri Ramakrishna manteve com dois monges, encontramos expressos os dois significados da Vedanta. Quando solicitado a compartilhar seus pensamentos sobre Vedanta, o monge diz para Sri Ramakrishna: “A Vedanta inclui todos os seis sistemas de filosofia.” E Sri Ramakrishna responde: “Mas a essência da Vedanta é: somente Brahman é real e o mundo é ilusório; eu não tenho existência separada; eu sou somente aquele Brahman.” Aqui vemos a diferença existente entre o uso original e o uso popular da palavra.

Nas obras de Swami Vivekananda, a palavra “Vedanta” aparece frequentemente. O interessante é que o encontramos utilizando a palavra Vedanta em todos os aspectos de seu significado e, por vezes, identifica esta palavra com o que é popularmente denominado de Hinduísmo e, outras vezes, ele usa o termo como um sinônimo de Upanishads. Na maioria das vezes, ele refere-se à filosofia dos Vedas de modo geral, e aos Upanishads em particular. Mas quando Swami Vivekananda utiliza a palavra Vedanta em um sentido global, ele não a utiliza como significando a religião védica, nem a sua filosofia e nem mesmo os Upanishads. De uma forma muito inteligente, ele eleva a palavra acima do contexto cultural, histórico e religioso e a utiliza para significar a base da busca espiritual.

VEDANTA COMO PRINCÍPIO DA ESPIRITUALIDADE

Vimos que, etimologicamente, a palavra “Vedanta” significa “o fim ou a essência dos Vedas.” Se avançamos em nossa pesquisa etimológica, ela passa a ter o significado: “o fim ou a essência do conhecimento” (veda=conhecimento; anta=fim, essência). Em todas as vezes que Swami Vivekananda se refere à influência da Vedanta fora dos limites geográficos da Índia, ele sempre quer dizer “o princípio, o fundamento, a base” sobre a qual o Hinduísmo está estruturado. O que ele procura demonstrar é que “o princípio, o fundamento, a base” da sabedoria de cada tradição, efetivamente não é diferente. As tradições diferem entre si em detalhes secundários, tais como: “dogmas, doutrinas, livros, templos ou formas.” A essência é a mesma, e Swami Vivekananda lhe dá o nome de Vedanta. Mas qualquer outro nome estaria correto. Não é o nome que é importante, mas sim a ideia.

É importante lembrar que seria fácil por de lado a proposta de universalidade da Vedanta e considerar o seu propósito como uma tentativa de buscar a hegemonia, ou de uma perigosa abrangência que busca classificar (e metaforicamente diminuir ou destruir) outras tradições religiosas.

Quais são as características dessa universal “Vedanta”? Seria ela a base da jornada espiritual? Para começar, é mais fácil dizer o que a Vedanta não é, do que dizer o que ela é.

Swami Vivekananda afirma, em uma de suas conferências intitulada “Vedanta é a futura Religião”, que a Vedanta não tem livro, nenhuma fidelidade especial a qualquer pessoa e a nenhum Deus pessoal. Isto, naturalmente, pode nos parecer uma chocante asserção. Se a Vedanta não tem livros, o que dizer dos Upanishads? O que dizer do Bhagavad Gita? O que dizer a respeito das centenas de comentários a respeito deles? Como pode-se afirmar que Vedanta não implica em fidelidade a nenhuma pessoa? O que dizer dos sábios védicos (Rishis) e dos instrutores (Acharyas)? E das ideias a respeito de um Deus pessoal que podem ser encontradas nos textos védicos?

Claramente, estamos falando aqui de um tipo diferente de “Vedanta” ou, pelo menos, de uma Vedanta um pouco distante de nossa compreensão. Assim, o que Swami Vivekananda quer dizer ao afirmar que a Vedanta não tem livro, nem pessoa, nem Deus pessoal? Penso que o Swami quer nos lembrar que nenhum desses elementos – livro, pessoa ou Deus pessoal – são intrínsecos à Vedanta. A Vedanta tem um lugar para todos esses elementos, mas realmente não depende de nenhum deles.

Então, de que depende a Vedanta? Ela depende da realidade da existência de cada um de nós. A existência de tudo e de cada um como parte separada de mim pode ser questionada, mas eu não posso duvidar de minha própria existência. A Vedanta ilumina o caminho do autoquestionamento, aconselhando o indivíduo a fazer perguntas do tipo “Quem sou eu? O que é que realmente existe? Qual o propósito de minha existência”? Como podemos verificar, essas questões são comuns a cada um de nós, não importando nossa religião, cultura ou origem racial. As religiões do mundo procuram responder essas questões com o auxílio de livros, pessoas e conceitos envolvendo a divindade e o transcendental, mas a resposta que mais nos diz respeito sempre vem em forma de uma experiência muito pessoal, de uma experiência direta. É a nossa própria experiência que finalmente decide a questão, e não simplesmente os livros e outros “detalhes secundários”.

A Vedanta reconhece que o objetivo diante de nós pode ser o mesmo, mas existem muitos caminhos para atingir o resultado. Nas palavras de Swami Vivekananda: *“Vedanta não tem nada contra ninguém, seja você cristão, budista, judeu, hindu, ou qualquer que seja a mitologia em que você acredite; se você deve fidelidade ao profeta de Nazaré, ou de Meca, ou da Índia, ou de qualquer outro lugar; seja você mesmo um profeta – isso tudo não tem nada a ver consigo. A Vedanta apenas ensina o princípio que é o fundamento de todas as religiões; religiões das quais todos os profetas, santos e visionários são apenas ilustrações e manifestações. Tenha tantos profetas quantos você quiser; não há nenhuma objeção. A Vedanta apenas ensina o princípio; o método a ser usado é você que decide. Escolha o caminho que você quiser, siga o profeta que você preferir, mas tenha*

apenas um método que atenda a sua própria natureza, de forma que você esteja seguro de que está progredindo". Essas são palavras importantes. Elas contêm a definitiva afirmação da visão de Swami Vivekananda sobre a Vedanta – e aqui ele claramente distingue a Vedanta daquilo que popularmente é entendido como Hinduísmo.

Pela palavra "Vedanta", Swami Vivekananda quer significar Religião com "R" maiúsculo, a qual (ele afirmou uma vez) é a "Única Religião Eterna". De acordo com o Swami, é esta única Religião Eterna que *"é aplicada a diferentes planos de existência e às opiniões de várias mentes e raças. Jamais houve uma religião minha ou sua, minha religião nacional ou sua religião nacional, somente existe o Um. Uma religião infinita que existiu através de toda a eternidade e sempre irá existir, e esta religião está expressando a si mesma em vários países e de várias maneiras"*.

O nome que Swami Vivekananda deu a esta "Única Religião Eterna" é Vedanta, a qual, como vimos, se traduz simplesmente como "a essência do conhecimento" – o conhecimento do mistério de nossa existência e do mundo à nossa volta. Assim entendida, portanto, Vedanta se torna uma busca que não pode ser limitada pelos padrões definidos por qualquer religião em particular, por qualquer cultura, raça ou nacionalidade. A essência de cada religião, de cada cultura, de cada particularidade racial ou nacional, pode ser utilizada para "elevar-se por si mesmo", mas a jornada por si mesma não precisa ser definida em termos de quaisquer dessas particularidades.

Quando a busca espiritual está associada com um específico conjunto de livros, rituais, tradições e práticas culturais, ela se torna uma religião com um "r" minúsculo. Cada buscador da verdade necessita uma ou outra religião em algum momento da vida. Desde que minha religião não me iniba ou me isole da positiva influência de outras religiões, fazer parte de uma tradição religiosa serve, não apenas de ajuda, mas é essencial. A religião atua como uma cerca que protege uma planta em crescimento. Quando esta se transforma em uma poderosa árvore, a cerca pode ser dispensada. Da mesma forma, o buscador da Verdade ultrapassa a necessidade de permanecer confinado dentro dos limites de uma tradição religiosa e, assim, a transcende. Essa necessidade não implica obrigatoriamente em cortar os laços com a sua religião. É simplesmente um movimento interior que eleva o indivíduo e resulta em um estado de transcendência. Então, este é o significado final de Vedanta: é a busca por espiritualidade. É a Religião que está além de todas as religiões, ou a Essência do conhecimento que nos liberta da ignorância, escravidão e sofrimento existencial. Assim sendo, a Vedanta tem uma relevância global por transcender as fronteiras nacionais, raciais e religiosas, e nos leva a pensar na espiritualidade apenas como seres humanos.

Swami Vivekananda encarna esta ideia no símbolo que ele desenhou para os Centros de Vedanta existentes no mundo. O símbolo foi projetado por ele nesta cidade (Nova York), há aproximadamente 107 anos atrás. Como muitos de vocês irão se lembrar, o símbolo mostra um cisne nadando

na água com a flor de lótus na frente e o sol se levantando atrás – tudo isso circundado por uma serpente. O cisne representa o Ser espiritual. A água ondulante é o símbolo da atividade altruísta; o lótus é o símbolo da devoção; o nascimento do sol é o símbolo do conhecimento; e a serpente representa o poder latente que existe em todos nós. A ideia é que, com o auxílio da atividade altruísta, da devoção, da investigação filosófica e do autocontrole – através de um, mais de um, ou de todos esses aspectos – nós, seres humanos, podemos nos libertar de nossas limitações e experimentar duradoura bem aventurança e realização divina. Qualquer pessoa de qualquer parte do mundo, com qualquer tipo de antecedentes culturais, raciais ou religiosos, é capaz de realizar este mais elevado estado de ser.

CONCLUSÃO

Vimos algumas das importantes formas pelas quais a Vedanta é entendida e identificada. Tecnicamente, é o mais apropriado nome para a religião praticada pelos hindus de nossos dias. Popularmente é considerada uma das muitas tradições dentro do Hinduísmo, e por vezes identificada com a abordagem não dualista da Realidade. Literalmente – e é assim que Swami Vivekananda emprega a palavra – Vedanta é simplesmente a “Essência do conhecimento.” Cada verdadeiro buscador de conhecimento pode ser considerado um estudante de Vedanta.

Não importa o que a Vedanta quer dizer para nós. Uma coisa é certa: as raízes da Vedanta não se encontram nem no Oriente, nem no Ocidente, nem em uma cultura ou linguagem particular. As raízes da Vedanta não se encontram em livros, pessoas ou lugares. As raízes da Vedanta estão em nossos corações. Se pudermos alcançar e tocar essas raízes, elas irão nos guiar para cima, ao longo da Árvore da Vida, até que descubramos o fruto do conhecimento na palma de nossas mãos. O propósito dos Centros de Vedanta no mundo ocidental é irrigar as raízes e facilitar o crescimento de uma planta saudável. As flores desta planta são: paz e alegria. E seu fruto é o conhecimento – o conhecimento que nos liberta da escravidão e nos leva à plena realização.